

Menos candidato e mais presidente

O candidato Fernando Henrique Cardoso divulgou quinta-feira um grosso volume contendo o seu programa de governo para o caso de ser reeleito daqui a 30 dias. Mais que um direito do candidato, é uma obrigação explicar para o eleitorado por que se julga merecedor de sua preferência.

Do pormenorizado e extenso programa não consta referência alguma – porque não caberia nesse contexto – à crise financeira internacional e suas repercussões no Brasil. Não obstante, qualquer brasileiro com curso secundário completo sabe que a execução do menos importante dos projetos prometidos pelo candidato dependerá da “performance” do Brasil em meio à crise e do clima reinante nos mercados financeiros internacionais de 1.º de janeiro de 1999 em diante.

O candidato Fernando Henrique Cardoso tem todo o direito de não escolher como tema da sua campanha eleitoral a crise e seus efeitos no Brasil. Isso, apesar de seu principal adversário, o petista Lula da Silva, ter escolhido essa questão como tema central de sua campanha, tentando convencer o eleitorado de que todos os efeitos cada vez mais dolorosos da crise no Brasil só não foram evitados por culpa da incompetência do atual governo, quando não de sua desonestidade. E, aparente-

mente, está lucrando eleitoralmente com isso, como mostra o último Ibope.

Para nós, só isso estaria exigindo uma resposta do candidato Fernando Henrique Cardoso, que não teria qualquer dificuldade em demonstrar que seu adversário está, no mínimo, torcendo a verdade, já que qualquer pessoa que assista à televisão – não é preciso qualquer grau de escolaridade – está sabendo que aqui, como nos países asiáticos ou na Rússia, não há muito que os governos possam fazer além do que está fazendo o governo brasileiro para atenuar as repercussões da crise, que começam a atingir até as economias dos países mais ricos do mundo – a começar pelos Estados Unidos.

Além disso, o candidato Fernando Henrique Cardoso também não teria a menor dificuldade em demonstrar para qualquer eleitor medianamente inteligente que aquilo que o candidato Lula da Silva chama de vulnerabilidade da economia brasileira é produto quase que exclusivo da atuação dos partidos de oposição – PT à frente – no Congresso Nacional. O déficit público, gerador e alimentador das dívidas interna e externa, é

diretamente proporcional à eficiência com que o PT e seus aliados impediram no Congresso as reformas que, só elas, tornarão possível sua eliminação ou, pelo menos, drástica redução.

Mas, repetimos, o candidato Fernando Henrique Cardoso tem todo o direito de julgar que a tática do silêncio sobre a crise, na campanha, é a certa.

Já o presidente da República, esse não tem o direito de permanecer calado, atribuindo apenas a seus ministros a tarefa de tranquilizar uma nação cujos agentes econômicos e financeiros ameaçam entrar em pânico um dia sim, outro também. É verdade que nesta semana, em mais de uma ocasião, foi obrigado pelas circunstâncias a fazer alguns comentários sobre a crise. Mas o que se exige é muito mais do que isso. Há uma evasão de capitais preocupante sobre a qual há informações confusas. Há informações contraditórias sobre prazos da dívida externa. Há ministros do governo propondo medidas contra importações que contrariam a orientação do governo e tudo isso autoriza os catastrofistas de plantão a inventar todo tipo de hipóteses sobre alterações

das políticas do governo, a começar pela cambial. Há, agora, a estapafúrdia desclassificação da Moody's que, depois que o *Wall Street Journal* reconheceu em editorial que o Brasil não é a Rússia, descobriu que o Brasil é a Venezuela ou o Paraguai.

Em solenidade no Palácio do Planalto, nesta semana, o presidente, dirigindo-se a um grupo de agricultores, falou, de repente, na crise que não aborda em campanha eleitoral, no tom que estamos cobrando dele:

O candidato tem o direito de não falar da crise, mas o presidente não tem o direito de ficar calado

“Nestes dias de inegável preocupação e tumulto nos mercados, convém que saibam que o Brasil tem confiança em si”... “É preciso, sim, que haja um comando.” É preciso,

dizemos nós, que esse comando, que é ele, venha a público enfrentar os que apostam na catástrofe porque dela dependem para chegar ao poder, para dizer a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade por mais dolorosa que ela seja, e todos sabemos que é.

É preciso que Fernando Henrique Cardoso seja menos candidato e mais presidente.